ECO DA TRADIÇÃO

INFORMATIVO OFICIAL DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO - MTG
ECO DA TRADIÇÃO - ANO XIX - Nº 219 - NOVEMBRO DE 2020

A consciência negra e seu espaço de fala no movimento organizado | Páginas 3 e 10

No mês em que os olhares e corações tradicionalistas estariam respectivamente voltados e pulsando em Santa Cruz do Sul, com a realização de mais uma edição do Enart, o MTG realiza ações online alusivas e comemorativas ao evento. É a primeira vez na história que a entidade deixa de realizá-lo, assim como é, também, a primeira vez que, por outro lado, realiza atividades alusivas à Semana da Consciência Negra, com destaque para sarau e debate.

Os principais erros na gestão de entidades tradicionalistas

Página 06

Quando fé e tradição se encontram para celebrar a cultura gaúcha

Página 08

Qual o limite saudável entre voluntariado e rofissionalização no tradicionalismo?

Página 18

EDITORIAL

2021 SERÁ MELHOR

Novembro é um mês todo especial para o tradicionalismo gaúcho, em particular para quem aprecia as artes. É o mês em que o Rio Grande se volta para Santa Cruz do Sul, na 5ª Região Tradicionalista. Não contamos regressivamente apenas os dias, mas semanas e meses para a chegada do terceiro final de semana, quando acontece todos os anos o Enart – Encontro de Artes e Tradição Gaúcha.

Em 2020 não acontecerá o evento presencial, como estávamos acostumados. O gigantismo do maior festival de arte amadora da América Latina, por ora, ficará apenas na lembrança: mais de 20 modalidades artísticas, oito palcos paralelos, mais de quatro mil artistas demonstrando seu melhor nos palcos e tablados. Tudo isso assistidos e prestigiados por milhares de pessoas, amigos e familiares, muitos deles acampados no Parque da Oktoberfest.

Por outro lado, o Enart vive em nossos corações (quem sabe até maior) e o MTG não poderia deixar a data passar em branco, neste ano tão atípico de 2020, em que a covid-19 ceifou tantos sonhos. Para celebrar a data, organizamos uma programação virtual intensa. Realizamos exposição fotográfica virtual, com o artista Deivis Bueno, um dos fotógrafos mais renomados no Estado quando se trata de fotografia tradicionalista. Também fizemos o painel técnico, organizado pela vice-presidência artística, com análises e discussões sobre as danças tradicionais, a chula, dança de salão, causos e trovas, declamações e mostra folclórica. Outra iniciativa foi o lançamento da 5ª edição do livro de Danças Tradicionais Gaúchas, um importante documento balizador do segmento e que contou com ampla explanação dos autores nos nossos canais de comunicação.

Era nosso mais profundo desejo, lá em março, quando começou a pandemia, que ela logo estivesse superada e não fosse necessário cancelar também o Enart. A situação se prolongou mais do que queríamos e sequer podíamos imaginar. O momento, agora, é de responsabilidade e de cuidado – de nós mesmos e daqueles que amamos.

"Vamos nos inspirar na garra e na dedicação daqueles que ano a ano movimentam as rodas do tradicionalismo, não apenas nas artes, mas também na cultura, na área campeira e de esportes"

Vamos nos inspirar na garra e na dedicação daqueles que ano a ano movimentam as rodas do tradicionalismo, não apenas nas artes, mas também na cultura, na área campeira e de esportes. Quando analiso o cenário gaúcho em meio à pandemia, sinto orgulho de ser tradicionalista, pelo exemplo dado pelas nossas entidades. Os tradicionalistas estão demonstrando resiliência, paciência, senso de dever, responsabilidade e empatia. Estamos todos machucados com essa situação e ao mesmo tempo engajados.

Isso tudo me faz otimista. Ouso acreditar que 2021 será melhor, porque diante de todas as provas e dificuldades que estamos nos enfrentando, ao final das contas, nos fizemos melhores.

Gilda Galeazzi
Presidente do MTG

EXPEDIENTE

Movimento Tradicionalista Gaúcho

Rua Guilherme Schell, 60,
Porto Alegre/RS – CEP 90640-040

Telefone: 51 3223 5194

www.mtg.org.br

Presidente: Gilda Galeazzi

Vice-presidente de Administração e Finanças: César de Oliveira

Vice-presidente de Cultura: Roberta Jacinto

Vice-presidente Artístico: Valmir Böhmer;

Vice-presidente Campeiro: Adriano Pacheco;

Vice-presidente de Esportes Campeiros: Martin Guterrez Damasco;
Vice-presidente FCG: Maxsoel de Freitas Bastos

Eco da Tradição

Informativo Oficial do MTG

www.ecodatradicao.mtg.org.br

Editora e Jornalista responsável:
Sandra Veroneze (Mtb 10.210)

Email para sugestão de pautas:

imprensa@mtg.org.br

Enart 2020

O Enart da saudade, nostalgia e da **programação comemorativa online**

Exposição virtual: lembrança sempre viva

Lives: compartihando conhecimento sobre chula, instrumental, causos e mais

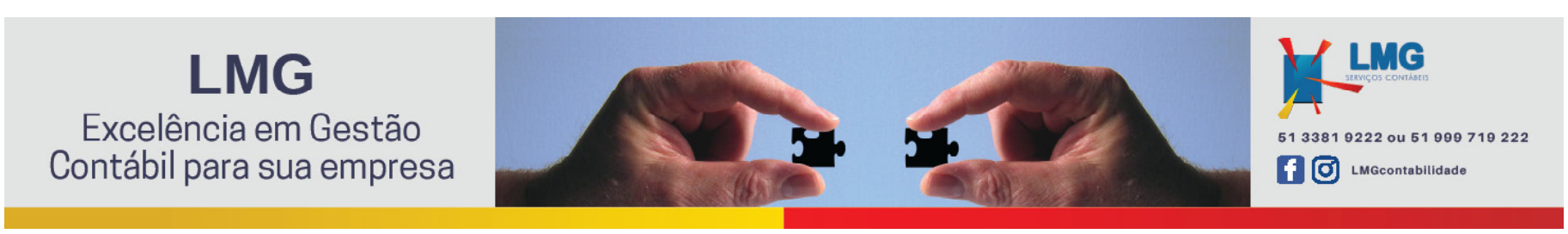
Neste ano o Enart – Encontro de Artes e Tradição Gaúcha restou vivo no coração e na saudade de quem, a cada novembro, volta-se para Santa Cruz do Sul, na 5ª Região Tradicionalista, para participar daquele que é considerado o maior festival de arte amadora da América Latina. Em função da pandemia, o evento presencial foi cancelado pela diretoria do MTG, que optou por realizar diversas atividades comemorativas online.

Uma delas foi a exposição virtual do artista fotográfico Deivis Bueno, na página do MTG no Facebook. Ao longo de uma semana, foram disponibilizadas mais de mil fotografias das edições de 2012 a 2019. "Por meio das imagens procuramos matar um pouco da saudade que ficou e que é natural", afirma Deivis. Segundo ele, é uma festa que sempre traz boas lembranças, pela amizade e tudo mais que o tradicionalismo ensina.

Outra iniciativa, capitaneada pela vice-presidência artística do MTG, foi o lançamento da 5ª edição do livro de Danças Tradicionais. A obra, atualizada, apresenta partituras e referências musicais adequadas à realidade praticada pelos grupos e dirime possíveis contradições na interpretação de alguns textos da edição anterior. Segundo o vice-presidente titular da pasta, Valmir Böhmer, até o momento as críticas recebidas são favoráveis ao avanço alcançado.

Outra iniciativa desenvolvida foi uma websérie de lives temáticas. Foram sete dias com transmissões ao vivo, abordando pautas como trova, causo, chula, interpretação, declamação e instrumental. Participaram artistas e colaboradores que fizeram a história do festival em suas 34 edições. "Foi um grande encontro na semana em que aconteceria a 35ª edição do evento", afirma Valmir. Segundo ele, a programação superou todas as expectativas, pois, além de rememorar o festival, ainda proporcionou ao grande público o conhecimento de muitos fatos e ícones da história do evento.

Por Sandra Veroneze



CONCURSOS

Um ano para **reduzir o ritmo e aprender** com as adversidades

Luíse Morais é Diretora do Departamento de Concursos Culturais para Peões e Prendas. Nesta entrevista, ela fala sobre os desafios deste ano e os aprendizados, destacando a importância e papel dos diretores culturais das Regiões Tradicionalistas e entidades para que, mesmo em meio à pandemia, fosse mantido um ritmo saudável e progressivo de atividades.

Quais as atividades/responsabilidades do departamento?

O departamento é crucial e um braço importantíssimo da vice-presidência de Cultura. Dentro do rol de atividades, é responsável por planejar, organizar e realizar a Ciranda Cultural de Prendas e Entrevero Cultural de Peões estaduais. Também os documentos, como diretrizes e normativas, que ditam o desenvolvimento de projetos e outras tarefas que fazem parte do escopo para a participar dos eventos em nível regional e estadual. Outra importante obrigação do departamento é a elaboração das provas escritas, uma responsabilidade de grande peso, uma vez que serve de base ao desenvolvimento intelectual das crianças e jovens, através da inserção de uma bibliografia e conteúdo programático. A alçada do departamento permite elaborar, passando pela aprovação do Conselho Diretor, listas de avaliadores sugeridas pelas coordenadorias e que comporão as equipes de avaliação. Estas equipes, inclusive, estão condicionadas a participar de cursos para alinhar trabalhos antes e durante esses eventos.

Qual a filosofia de trabalho 2020?

"HUMANIZAR". Bem desta forma, com letras maiúsculas. Não só o departamento de concursos, mas os demais que estão sob responsabilidade da Vice-presidência de Cultura, levantaram a bandeira de que somos todos humanos, suscetíveis a erros, e que cada indivíduo tem sua própria rotina, com seus compromissos pessoais, profissionais, e que estar envolvido no mundo dos concursos de prendas e peões não pode representar um fardo, nem para a prenda ou o peão, nem para pais ou para diretores e diretoras culturais. As cirandas e entreveros devem ser encarados como uma oportunidade de formar cidadãos melhores para a sociedade e melhores para si mesmos. Frente à pressão que muitas prendas e peões sofrem ao optarem por ir aos palcos, este ano pontuamos que o caminho deve ser leve, mas ao mesmo tempo com muita responsabilidade. Em muitas manifestações foi enfatizado que é necessário ensinar ao jovem que o tradicionalismo tem muito a acrescentar na construção de caráter e no desenvolvimento de habilidades que a sociedade irá cobrar mais cedo ou mais tarde.

Como é composta a equipe de trabalho?

A equipe é muito dinâmica. Felizmente, sempre que precisamos de ajuda para executar determinada tarefa e tivemos que recorrer, não só aos demais departamentos, tivemos respostas positivas e colaborativas. Mas eu diria que nossa equipe é formada, principalmente, pelas diretoras e diretores culturais das 30 regiões tradicionalistas, e aquelas (es) que conduzem os departamentos no seio das entidades. Essas são as verdadeiras bases do nosso trabalho. Foi através destas pessoas, que dedicam seu tempo à liderança e trabalham nos "bastidores", que pudemos vencer desafios e nos entender em 2020, em um panorama completamente atípico.

Neste ano tivemos / estamos tendo a pandemia. O que foi suspenso em função da covid?

Foi preciso ter nervos de aço para acreditar que teríamos que adiar sonhos. Agindo pela razão Entreveros regionais e estadual, bem como a Ciranda regional e a Ciranda de Ouro, a 50ª Ciranda Cultural de Prendas ficaram para 2021, e por consequência cursos e demais eventos e projetos que movimentavam o Estado. A grande preocupação foi o psicológico de prendas e peões e, a partir disso, muitas conversas se desenrolaram ao longo dos meses para garantir o mínimo de impacto que essas mudanças resultariam. Novamente, diretoras (es) culturais foram cruciais. Junto destes, foram pensadas e aplicadas soluções para não prejudicar a preparação dos envolvidos. Tivemos inúmeros encontros virtuais em que era possível ouvir todas as opiniões e construir juntos o melhor para o momento. Neste exato momento, está sendo desenvolvida uma nota de instrução que irá contemplar as mudanças, tratativas e adaptações do período pandêmico. Este documento, previsto para ser lançado até o fim do ano, respaldará o trabalho do departamento para 2021 e trará tranquilidade aos nossos participantes, que estarão assegurados de seus direitos.

Por outro lado, o que foi criado em função da covid?

Em um primeiro momento, foi desenvolvida uma página no Facebook onde postávamos atividades semanais, algumas "lives" esclarecedoras também foram ao ar. Percebemos, então, que as regiões queriam também sua autonomia para realizar campanhas, atividades e projetos e estavam ficando saturadas e sobrecarregadas. Foi hora de então buscar a simplificação. Projetos mais maleáveis foram sendo implantados e isso contribuiu para uma esfera de maior confiança entre os envolvidos com Cirandas e Entreveros. Por vezes foi pedido que confiássemos uns nos outros para o trabalho não estagnar e prendas e peões não desanimarem.

Quais as lições da pandemia para o departamento especificamente?

Evoluímos 10 anos em 1. Tivemos que nos reinventar e voltar a olhar para nossos companheiros tradicionalistas, perceber que por trás de uma preparação para Cirandas e Entreveros existem seres humanos com expectativas e por vezes fragilizados emocionalmente. A pandemia aflorou essa fragilidade e nos ensinou que não é preciso ter medo do desconhecido, do novo, quando se tem pessoas alinhadas e que querem o bem coletivo. Este ano vimos prendas criando as "contadoras da jornada", vimos peões servindo marmita na beira da estrada, mães, pais, diretores e diretoras arrecadando material de limpeza e alimentos para as comunidades carentes. Enfim, a essência do tradicionalismo prevaleceu. Esta é a nossa grande lição e poderemos dizer que saímos fortalecidos e mais unidos.

Entrevista para
Sandra Veroneze

BRASIL DE BOMBACHAS

Proposições do MTGRS são aprovadas na Convenção da CBTG

A CBTG – Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha realizou, nos dias 21 e 22 de novembro, em Diadema / São Paulo, sua 17ª Convenção. No CTG Meu Pago, o presidente Roberto Basso recebeu mais de 70 tradicionalistas, representantes dos Movimentos Tradicionalistas Gaúchos espalhados pelo Brasil, entre eles o Rio Grande do Sul.

A delegação gaúcha, liderada pela presidente, Gilda Galeazzi, contou com a presença dos vice-presidentes da entidade Adriano Pacheco (campeira), Roberta Jacinto (cultura) e Valmir Böhmer (artística). Também integraram a comitiva os delegados Adroaldo Parizoto, Tiago Nunes, Manoelito Carlos Savaris, Everon Douglas Diel, Éridio Silveira e Luciano Fleck.

Gilda avaliou o evento como positivo, com representação expressiva dos MTGs e qualidade das pautas - entre as mais significativas, a atualização de regulamentos e a criação do regulamento do Departamento Jovem da CBTG. Todas as propostas do MTG do Rio Grande do Sul foram aprovadas e podem ser lidas, na íntegra, no sie da CBTG.

Departamento Jovem

O Departamento Jovem exerce uma função primordial no Movimento Tradicionalista Gaúcho organizado: dinamizar e incentivar a participação dos jovens, estimulando a formação de novas lideranças. Uma das demandas era a implantação de melhorias para uma maior efetividade e abrangência das ações do departamento. Alguns exemplos: a inclusão de membros dos MTGs na composição do Departamento Jovem da CBTG e o lançamento de dois possíveis temas para nortearem os trabalhos da invernada jovem de forma bienal, a serem aprovados em convenção.

Alguns dos objetivos do Departamento Jovem são desenvolver trabalhos comunitários e incentivar todos os tradicionalistas a juntarem essas iniciativas, lançando temas bienais para nortear trabalhos; e promover o desenvolvimento de departamentos culturais das federações e/ou MTGss que ainda não possuem departamentos jovens em atividade.

O documento na íntegra pode ser acessado no site da CBTG.

Por Sandra Veroneze

Representatividade: mais de 70 tradicionalistas presentes

Gilda Galeazzi: avaliação positiva

Delegação gaúcha: todas propostas aprovadas

Presidente Basso e Departamento Jovem: melhor sistematização e ampliação das atividades

ENTIDADES

Os maiores erros na gestão de entidades tradicionalistas

Empírico ou planejado? Como deve ser o processo de gestão de uma entidade tradicionalista? O empresário Guilherme Milani Lorscheider, autor do livro CTG SA - Liderança e Comunicação para Alcançar o Sucesso, participou do Cfor Patronagem compartilhando seus conhecimentos e perguntamos para ele quais os maiores erros cometidos pela patronagem das entidades tradicionalistas atualmente. Confira.

Particularmente, gosto muito de falar sobre Gestão em Entidades Tradicionalistas. Tenho um conceito próprio de que os CTGs devem ser gerenciados como empresas, não na busca do lucro como atividade fim, mas sim na sua forma de organizar e planejar todas as suas atividades.

Gerir uma Entidade Tradicionalista nunca foi uma tarefa simples, principalmente pelo fato de que praticamente todos os participantes que estão em algum cargo de função o fazem de forma totalmente voluntária e muitas vezes assumem sem ter o conhecimento necessário para desempenhar tal função.

Muitas vezes, por estarem justamente de forma voluntária, alguns não aguentam a pressão que o cargo oferece e acabam por abandonar seu cargo, e, assim, alguém assume às pressas, dificultando ainda mais...

Porém, o oposto também é verdadeiro. Muitos CTGs conseguem planejar o seu ano, ter bons resultados, atingindo suas metas e crescendo cada vez mais. Mas como isso acontece? Acredito que é mais importante entendermos os principais erros das patronagens e suas gestões, para que fique claro o porquê uns dão certo e outros não.

Problema nº 1: Centralização

Acreditar que algo só vai realmente ficar bom se passar pelas suas mãos. Como assim? Fácil entender com um exemplo:

Um laçador do piquete sugere organizar um torneio de truco no CTG no dia 15/12. O patrão, que é muito centralizador, diz que nesta data não será possível, pois ele não estará presente, e nenhum evento pode ser realizado sem a sua presença, já que ele é o responsável por abrir e fechar a entidade, controlar o caixa etc...

Como resolver? Entender e aprender a importância de delegar tarefas para outros departamentos, dando autonomia para as pessoas.

Problema nº 2: Não ter um bom planejamento financeiro

Esse parece óbvio, mas tenho certeza de que mais de 90% das entidades não fazem um planejamento financeiro real, no papel, com objetivos claros e específicos. Quando em nossa vida pessoal, financeiramente não estamos bem, qualquer pequeno problema se transforma em algo gigante. No CTG é exatamente igual, criando desconfianças e discussões frequentes, afastando possíveis novos participantes e provocando a saída de pessoas do "tempo antigo".

Artística: controle de custos é fundamental

Como resolver? Comece pelo menos fazendo um planejamento básico de todos os custos que entidade irá ter no ano, separado por departamento, para, assim, entender qual o montante total de arrecadação que será necessário.

Exemplo da artística: quanto vou gastar com instrutor, música, coreografia, viagem, indumentária?

Exemplo do cultural: quanto vou gastar com material de escritório, livros, viagens, palestrantes?

E assim, vá fazendo com cada departamento.

Problema nº 3: Não ter boas lideranças e boa comunicação

O fato é que não levamos a sério a importância da boa comunicação dentro de um CTG. Temos a ideia de que o ambiente é "tradicional" e de que "sempre foi assim" e não fazemos nada para mudar a forma com que nos comunicamos. O problema principal é que as gerações, sim, estão mudando e sua forma de ter contato com as outras pessoas também.

Estamos conectados o tempo todo e a tecnologia precisa nos beneficiar dentro das entidades. Não existe mais desculpa por ter "esquecido" de convidar um peão ou prenda do cultural para um evento importante, onde o mesmo deveria fazer a abertura, visto que temos ferramentas na palma da nossa mão. Não podemos achar também que pelas redes sociais podemos falar tudo e de qualquer jeito para as outras pessoas, como se essa "distância" não fosse atingir ou magoar o receptor da mensagem.

O que quero dizer com isso tudo? Que precisamos ter pessoas preparadas, que engajem e motivem os participantes de um CTG, de modo que todos que lá estão se sintam acolhidos pelo Movimento. E esse acolhimento, muitas vezes, é simplesmente por sabermos ter uma comunicação clara, direta, sem rodeios.

Fizemos uma pesquisa em 2018 com 400 respondentes de CTGs de todo o Brasil, identificando que 79,8% das pessoas estão descontentes com a comunicação da sua patronagem. Esse número é assustador e comprova que não estamos sabendo acompanhar a evolução e o modo com que cada geração quer ser tratada.

No nosso livro "CTG S.A. Liderança e Comunicação para Alcançar o Sucesso", falamos sobre algumas ferramentas básicas que todos gestores precisam, no mínimo, conhecer, para conseguir aos poucos iniciar a sua aplicação, principalmente para dar feedbacks eficientes aos seus liderados e assim evitar que um pequeno problema possa se transformar no racha de todo um grupo ou até mesmo da entidade. O feedback serve tanto para ajudar a melhorar algo que está ruim, quanto para fortalecer pontos fortes de um integrante.

Para concluir...

Se fôssemos listar outra série de conhecimentos importantes que toda patronagem deveria ter, eu citaria as seguintes: ser líder e não chefe; como auxiliar na motivação dos seus liderados; como ter conversas difíceis com pessoas que se tem pouca afinidade; entender a importância do humor dos líderes; ter empatia, sabendo se colocar no lugar do outro; a importância dos limites dentro do CTG; como resolver problemas de forma criativa... e por aí vai!

Precisamos prestar mais atenção em nossas gestões, pois se cada CTG se enfraquecer um pouco que seja a cada ano que passa, não sabemos como nossa cultura gaúcha estará sendo propagada daqui 10, 20 ou 50 anos. Precisamos fazer a diferença, buscar conhecimento, ajudar o máximo possível de forma voluntária com o objetivo final de sempre, mas sempre mesmo, fortalecer cada vez mais os nossos CTGs, e assim, a cultura como um todo!

Por Guilherme Milani Lorscheider

EFEITOS DA PANDEMIA

Entre desafios e percalços, **MTG registra avanços administrativos**

A pandemia de covid-19 colocou o setor cultural em evidência, tanto nos aspectos positivos como nevrálgicos. Por um lado, o tradicionalismo gaúcho demonstrou a consistência construída ao longo de décadas na área cultural, enquanto, por outro, também demonstrou a fragilidade de muitas entidades que, por desconhecimento ou desleixo, negligenciaram aspectos básicos necessários para parcerias com o poder público. Nesta entrevista, o vice-presidente administrativo do MTG, César Oliveira, faz um balanço do ano até o momento.

Este ano está se encaminhando para o seu final. Apesar de todos os contratempos, é um ano a ser comemorado?

"Comemorar" talvez não seja a melhor palavra. Os contratempos foram para todos, não apenas tradicionalistas e MTG. Toda humanidade não tem o que comemorar, de forma alguma. Neste ano ficamos infinitamente paralisados, ceifados da condição de ir e vir. O impacto para o MTG, que é sustentado por eventos e atividades culturais, foi enorme. Por outro lado, registramos até o momento diversas conquistas. Uma das maiores é a abertura das portas do MTG para a sociedade e para o poder público. Houve uma grande aproximação e a federação está sendo vista de outra forma. Transformamos um pouco o conceito antigo que existia.

Quais os principais ensinamentos da pandemia para o tradicionalismo gaúcho, na sua opinião?

Penso que o tradicionalismo como um todo foi convidado a sair de uma posição de conforto, até comodidade, para outra, de melhor informado. A necessidade fez com que muitas entidades buscassem capacitação e qualificação, até mesmo regulamentação, para ter acesso aos editais que foram lançados em socorro ao setor cultural. O MTG e a Fundação fizeram um trabalho excelente de consultoria e assessoria, beneficiando mais de 100 entidades. A se lamentar, nesse contexto, somente o fato de mais entidades não terem despertado ou se mobilizado. E o resultado é que nem todos se beneficiaram. Nesse sentido, é preciso trabalhar a consciência de que cultura gaúcha não é apenas o galpão, mas algo muito maior. Abrir a consciência, abrir as portas. O caminho é sermos mais inclusivos, compartilhando a riqueza cultural que possuímos. Outro benefício em meio à pandemia foi a dinamização da comunicação, por meios eletrônicos, chegando a um número maior de pessoas, principalmente de jovens.

O socorro às entidades tradicionalistas via lei Aldir Blanc foi uma grande conquista nesse sentido?

Sim. A lei Aldir Blanc evidenciou a cultura no país inteiro e no Rio Grande do Sul teve um diferencial. Ela começou a ser articulada aqui e ganhou força no diálogo com a bancada gaúcha e com a Frente Parlamentar de Defesa da Cultura Gaúcha. A introdução das entidades tradicionalistas foi um trabalho difícil de convencimento, mas saímos vitoriosos.

Quais os principais avanços registrados na vice-presidência de administração e finanças?

Avançamos muito no planejamento e organização do trabalho. Instituímos alguns processos que foram fundamentais para deixar a casa em ordem. Uma economia grande foi realizada, alguns setores tiveram seus esforços potencializados, com melhores resultados. Hoje o MTG e a FCG têm uma formatação empresarial. Não será um ano que deixará receita, porque não conseguimos captar a partir da realização de eventos. Havíamos feito uma aproximação com a iniciativa privada antes da pandemia e infelizmente esse planejamento não foi possível de ser realizado.

Qual o seu sentimento, hoje, como titular da pasta?

Em qualquer desafio que eu enfrento procuro sempre me nutrir da inspiração e talento das pessoas. Aprendo muito com as interações. Neste ano, obviamente não tivemos essa aproximação de forma presencial, mas houve uma substancial troca de conhecimento. Hoje conheço muito mais como o Movimento funciona num todo e percebo uma necessidade de se fortalecer o interior. A cúpula do MTG deve estar mais próxima da base, que são as entidades tradicionalistas. Essa aproximação deve ser feita colocando pessoas capacitadas nos lugares certos. Formamos uma equipe excelente para lidar com eventos, desde a área de voluntariado até jurídico e logística.

De que forma o seu envolvimento e articulação com outros setores da sociedade auxiliou na administração do MTG?

Todos me conhecem como cantor, como artista. Mas sempre fui um ativista cultural, um articulador dentro da política e da indústria culturais. Me defino como um idealista que acredita muito que nós devemos potencializar e distribuir melhor esse patrimônio cultural gigante que possuímos. Em outras palavras, fazer entregas maiores e melhores à sociedade e desta forma auxiliar o poder público. A minha outra faceta, normalmente ao grande público descolada do artista, é a do gestor, alguém que aprecia e se dedica à área administrativa e financeira, que conhece como funciona a engrenagem. Quando assumi o desafio, junto a esta diretoria, tinha em mente aperfeiçoar o que não estava bem. Fazer as modificações necessárias. Uma pessoa não faz nada sozinha, faz em grupo, e foi assim que eu escolhi trabalhar, sempre em articulação com todos que pudessem, direta ou indiretamente, se relacionar à federação, ao tradicionalismo.

César Oliveira: um ano para colocar "ordem na casa"

Como você avalia a crise nas entidades tradicionalistas?

Temos duas situações aqui. A primeira delas é a da crise econômica do país, que atinge todos. A outra situação é a deficiência gerencial de algumas entidades. Precisamos fazer um esforço para regularizá-las. Por desleixo, ou por desinformação, essa realidade se criou e é preciso transformá-la. Fizemos um esforço significativo nesse sentido e é preciso avançar mais.

Há de se ter otimismo para o tradicionalismo gaúcho nos próximos anos?

Acredito que sim. Esse momento deve ser encarado como um mal que talvez tenha vindo também para o bem. Fomos obrigados a evoluir, nos capacitar, buscar qualificação e esse é um legado que fica. Precisamos nos reinventar e ter humildade para buscar ajuda, conversar, solicitar. Precisamos uns dos outros e aqui eu falo de todos os setores da sociedade. O outro muitas vezes tem condições de nos auxiliar, possui os meios. Temos uma cultura de muitos anos. Tradição só tem seguimento, avanço, se as próximas gerações receberem esse legado e optarem por dar continuidade.

Entrevista para
Sandra Veroneze

MISSA CRIOULA

Quando fé e tradição se encontram para celebrar a cultura gaúcha

Jesus Cristo é chamado de Divino Tropeiro; Nossa Senhora, de Primeira Prenda do Céu; Deus é Pai Santo ou Pai Celeste e o Espírito Santo é Divino candieiro, Espírito Santo Vaqueano. Na Missa Crioula, a fé católica assume contornos regionais. O padre Aldo José da Silveira, que celebrou a missa dos 54 anos do MTG, fala nesta entrevista sobre as particularidades da celebração regionalizada

O que é a Missa Crioula?

É a mesma missa que Jesus realizou na Santa Ceia, a missa que se reza nas igrejas católicas, enfim, a missa que rezamos todos os dias, mas adaptada com a nossa linguagem gaúcha e símbolos de nossa tradição gaúcha e é chamada de missa "crioula". A Missa Crioula é uma missa católica, do rito latino, mas com cantos, preces, orações próprias em estilo campeiro. Jesus Cristo é chamado de Divino Tropeiro, Nossa Senhora, de Primeira Prenda do Céu, Deus é chamado de Pai Santo ou Pai Celeste e o Espírito Santo de Divino candieiro, Espírito Santo Vaqueano. Estes são alguns exemplos desse linguajar campeiro.

Desde quando é realizada?

Desde o Concílio Vaticano II (1965) tornou-se possível, com as alterações introduzidas na Igreja Católica como resultado do Concílio do Vaticano II (1965), que permitiu a tradução e adaptação da liturgia em latim para outras línguas nacionais e linguagens regionais. Em 1967, os padres gaúchos Paulo Aripe e Amadeu Gomes Canelas solicitaram autorização ao então Bispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, e ao Vaticano (cujo Papa era Paulo VI) para a celebração da Missa Crioula com cantos, preces e orações próprias. Nessa liturgia campeira, são utilizados símbolos do campo, da campanha, do uso costumeiro do gaúcho. A autorização foi apreciada, aprovada e concedida, na época, pelo episcopado gaúcho, para celebrá-la em ocasiões extraordinárias. Desde então, tornou-se comum entre os Centros de Tradições Gaúchas durante as comemorações da Semana Farroupilha.

Quais suas particularidades?

Entre os momentos mais emocionantes da Missa Crioula está o que relembra um dos mais marcantes episódios da história do Rio Grande do Sul: a guerra entre Maragatos e Chimangos. Como a missa busca trazer a paz e a compreensão entre todos, os homens e mulheres que participam da missa depõem suas armas, facas, facões, colocando-as junto da cruz e entrelaçam na cruz os lenços vermelho (Maragato) e branco (Chimango).

Padre Aldo José da Silveira: *Deus está entre a gauchada*

Todo e qualquer padre pode presidi-la?

Sim todos os padres podem, mas a maioria encontra muitas dificuldades, seja pelo linguajar e até para vestir uma pilcha. Não faz parte da cultura da maioria.

Qual a importância de termos uma missa com características gaúchas, em termos de espiritualidade e religiosidade?

Vem ao encontro do povo que cultiva a tradição, vem ajudar o povo, peões e prendas a rezar melhor. A minha oração da manhã sempre a faço com a cuia na mão, tomando um amargo e me ajuda a rezar melhor. Tempo maravilhoso é a Semana Farroupilha, quando vivo intensamente esse sentimento tradicionalista, onde além de ser "rio-grandense-do-sul", sou gaúcho porque cultivo a tradição. Campereando por esse Rio Grande afora, pelo Brasil e outros países, já pude beber mais um pouco dessa cultura extraordinária. Agora posso falar mais e melhor do que vem acontecendo no tradicionalismo gaúcho e como a Pastoral está presente no campo, em nossos Piquetes, invernadas artísticas e CTGS, realmente posso dizer: Deus está no meio da gauchada.

Existem outros exemplos de missas com particularidades regionais no Brasil?

Eu conheço e já presidi missa em estilo afro-brasileiro. Mas tem outras: missa dos quilombos, em latim, alemão, italiano, polonês, com suas simbologias.

Como o senhor vê fé e tradição gaúcha juntas?

Posso dizer que acontece uma Pastoral Cristã muito forte na Semana farroupilha e no tradicionalismo gaúcho. Sentindo isso o padre Paulo Aripe fez a inculturação da missa para o homem e a mulher do campo, a fim de que pudessem rezar melhor, do seu jeito. E hoje é um desejo especial entre os gaúchos e gaúchas ter a reza da Missa Crioula. Mas os nossos gaúchos e gaúchas rezam e muito nas cavalgadas, nos acampamentos, no campo e no seu rancho. Por isso a missa crioula não deve ser rezada dentro de nossas igrejas, mas sim nos galpões, ou no campo, pois é ali que encontramos o estilo próprio do gaúcho(a), do nosso jeito dentro da espiritualidade do Pai Santo, do Divino Tropeiro Jesus e do Espírito Santo Vaqueano. A simbologia própria ajuda demais a rezar do jeito do ser humano.

Para o senhor, o que representa rezar essas missas?

Quando rezo uma missa crioula me sinto muito bem, em minha casa, dentro do meu rancho, "sou mais eu mesmo". Revivo a minha infância, quando rezava em cima de uma árvore, em cima do cavalo, da mula, da carroça, atrás de um arado, mas especialmente tomando o chimarrão junto de minha família e amigos. Consigo rezar e ajudar os tradicionalistas a viver melhor a sua fé. É um tempo maravilhoso a Semana Farroupilha, vivo intensamente esse sentimento tradicionalista, onde além de ser "rio-grandense-do-sul", sou gaúcho porque cultivo a tradição. Campereando por esse Rio Grande afora, pelo Brasil e outros países, onde pude beber mais um pouco dessa cultura extraordinária.

Entrevista para
Sandra Veroneze

JUVENTUDE

Protagonismo jovem em 2020 reiventa a maneira de integrar e fazer tradicionalismo

A juventude não é apenas o futuro do Movimento Tradicionalista Gaúcho, mas o presente. Para sistematizar, organizar e congregar as atividades voltadas a esse público em todos os recantos do Rio Grande do Sul, o Departamento Jovem Central da entidade reiventou-se, em 2020, no cenário de pandemia. Nesta entrevista, o presidente Victor Matheus Machado da Conceição fala sobre as atividades realizadas neste ano, os desafios e o que ainda será realizado.

Quais as atividades/responsabilidades do departamento?

Compete ao Departamento Jovem Central conforme o seu Art. 2º do Regimento Interno nos diz que: "O Departamento Jovem do MTG desenvolverá as suas atividades com a finalidade de incentivar e dinamizar a participação do jovem no Movimento Tradicionalista Gaúcho, procurando trazê-lo para dentro deste e encaminhá-lo para uma verdadeira e consciente vivência tradicionalista, sendo coordenado por um Diretor e um Vice – Diretor". E assim, neste contexto a nossa gestão 2020 está em constante busca para atingir seus objetivos norteados pelo seu Regimento Interno e pelas ações desenvolvidas de acordo com a realidade que estamos vivenciando.

Qual a filosofia de trabalho 2020?

As atividades deste ano são baseadas no trinômio que norteia a nossa gestão: "Integração, Valorização e Propagação". Com isso, buscamos, por meio de nosso trabalho, valorizar ainda mais a figura do jovem no MTG, promover a integração entre os Departamentos Jovens Inter-Regionais, Regionais e das Entidades Tradicionalistas e entre a toda juventude tradicionalista em prol do presente e futuro do nosso Movimento e propagar a tradição gaúcha além-fronteiras, bem como as ideias, pensamentos e contribuições dos jovens no MTG e pela sociedade em que estão inseridos.

Como é composta a equipe de trabalho?

Diretor: Victor Matheus Machado da Conceição; Vice-diretor, Cezar Augusto Bertani Gomes; Assessoria de Comunicação, Mariana Messerschmidt e Camila Vitancourt; Assessoria de Assuntos Internos, Isadora Fochi e Jéssica Herrera; Assessoria de Eventos, Marcel Heinrich; e João Pedro Prestes, integrante da assessoria de mídias digitais.

Neste ano tivemos / estamos tendo a pandemia. O que foi suspenso em função da covid-19?

Para 2020 tínhamos uma extensa programação de eventos presenciais, mas em virtude da pandemia todos foram cancelados. Inclusive aqueles que são de competência exclusiva do Departamento Jovem Central, como o Acampamento e o Tchêncontro Estadual da Juventude Gaúcha que, infelizmente tiveram que serem cancelados por motivo de força maior, em relação a este "novo normal", que estamos atravessando.

Que novas oportunidades este cenário possibilitou?

Em março, quando a pandemia começou a se agravar no país, tivemos que repensar todo o cronograma de trabalho. As atividades que seriam presenciais foram remodeladas para o formato virtual, pois as redes sociais desempenham o papel principal como fio condutor de comunicação e integração do departamento neste ano. O trabalho está sendo mais árduo e com certa complexidade, porém não deixamos de realizar as nossas funções. E assim trabalhamos com a premissa de que estamos distante fisicamente, mesmo assim seguiremos com a proposta de integração da juventude e valorização da presença do jovem no MTG se tornando algo bem mais desafiador. Neste cenário apresentado foram criadas diversas campanhas e projetos, para que os jovens pudessem realizar em suas comunidades, como por exemplo a "Juventude Solidária" e a "Juventude como Agente Fortalecedor das Inter-Regiões". Nas redes sociais, estão sendo amplamente trabalhados diversos temas pertinentes para o desenvolvimento e fortalecimento da consciência tradicionalista dos jovens, bem como a aplicação de Quizzes e testes objetivos. Realizamos ainda a ação "MTG 54 anos: Eu Faço Parte!" que teve a contribuição de alguns dos atuais Vice-presidentes do MTG por meio de vídeos em que apresentaram o departamento em que estão à frente e suas atribuições e desafios em 2020.

A Semana do Jovem Tradicionalista foi bem movimentada!

Sim. Ocorreu no período de 30 de agosto a 05 de setembro, que culminou com a celebração do "Dia do Jovem Tradicionalista". A programação contou com lideranças tradicionalistas do MTG/RS e da CBTG, proporcionando o desenvolvimento de novas lideranças para instigar o "pensar" e "fazer" no Movimento Tradicionalista Gaúcho. Os temas desenvolvidos: Tema dos Festejos Farroupilhas 2020, "Gaúcho sem Fronteiras"; Tema Quinquenal do MTG/RS, "Voluntariado"; Tema Anual, "MTG: Sustentabilidade e as novas gerações"; Tese " O Sentido e o Valor do Tradicionalismo" e o fortalecimento de novas lideranças; Tese " O Sentido e o Alcance Social do Tradicionalismo"; Tese "O MTG como propulsor do Uso coerente das tecnologias e a Valorização do Ser Humano". Por meio de vídeos, lives, textos e perguntas foi possível compartilhar conhecimentos acerca de temas relevantes para o tradicionalismo e a juventude.

Que atividades ainda serão desenvolvidas até o final do ano?

Considerando a realidade em que estamos, o intuito do departamento é manter a linha de trabalho constante, em que possamos desenvolver um encontro virtual jovem, proporcionando um espaço para apresentação de propostas para que futuramente possam chegar às ideias jovens aos palcos de Convenção e Congresso Tradicionalista. Enfim, mobilizar as ações da juventude tradicionalista para um "Final de Ano" ainda mais consciente e solidário.

Quais as lições da pandemia para o departamento e para os jovens?

Acreditamos que a principal lição está relacionada com a importância de nos reinventarmos. Esta grande adversidade está nos fazendo repensar a forma que realizamos as atividades, como nos mantermos unidos em prol da tradição gaúcha mesmo distantes fisicamente e de que maneira conseguir incentivar a permanência dos jovens em um MTG sem eventos presenciais. Com certeza está sendo um desafio enorme, mas como temos uma equipe de trabalho competente e empenhada conseguimos nos reinventar. Não deixamos de realizar nosso ofício e de cumprir com o nosso compromisso que assumimos ao sermos eleitos para a diretoria do Departamento Jovem Central.

Entrevista para Sandra Veroneze

Diretoria: calendário de atividades pleno em 2020

CONSCIÊNCIA NEGRA

Sarau da Consciência Negra e lives temáticas do MTG celebram arte e consciência

O Dia Nacional da Consciência Negra nasceu no Rio Grande do Sul. A data foi criada pelo escritor e ativista Oliveira Silveira em 1971, em homenagem a Zumbi, morto em 1695. Zumbi foi líder do Quilombo dos Palmares, situado entre os estados de Alagoas e Pernambuco, na região Nordeste do Brasil.

Para celebrar o Dia da Consciência Negra, o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul realizou, na noite de quinta-feira, 19 de novembro, o Sarau da Consciência Negra, com a presença e representatividade de diversos artistas: Alison Fernandes, Daniel Cavalheiro, Kassia Costa, Paulo Cravinho, Romila Amaral, Turvo Chaves e Liliana Cardoso. Teve trova, declamação e música.

Para Liliana Cardoso, que também integra o Conselho Estadual de Cultura, foi um dia feliz e marcante. Na sua opinião, com iniciativas assim, o MTG está respondendo à responsabilidade de reconhecer a contribuição do negro à cultura gaúcha. "Como mulher negra, tradicionalista e declamadora, me sinto contemplada, muito embora ainda exista muito a ser conquistado". A criação de um departamento de pesquisa sobre a contribuição do povo negro é fundamental, na sua opinião.

Liliana também lembrou o episódio da Batalha dos Porongos, durante a Revolução Farroupilha, quando os lanceiros negros serviram de trincheira. "Foram traídos e dizimados", reiterou. Esse momento do MTG, na sua opinião, é um divisor de águas para que possa ser evidenciado o pertencimento da cultura negra na contribuição histórica e cultural do Estado.

Desconhecimento - O Peão Farroupilha da 26ª Região Tradicionalista, Paulo Bastos, classifica como fundamentais as discussões sobre a contribuição do negro para a cultura e história do Rio Grande do Sul. Na sua opinião, é imprescindível falar sobre os momentos históricos, como a Revolução Farroupilha, sob a perspectiva do negro, para enriquecer a perspectiva. "Muitas entidades falam sobre as etnias e percebo que, quando abordam os negros, talvez falte informação". Ele citou as coreografias apresentadas no Enart, que são maravilhosas e muito emocionantes, como elemento positivo. "Ficamos muito orgulhosos e felizes com esta representatividade, porém ainda vejo que falta atenção e falo como um todo, não apenas dentro do tradicionalismo", afirmou. Paulo também defende uma abordagem mais ampla, incluindo pautas como racismo e homofobia.

Live: debate e reflexão sobre a contribuição do negro

Liliana Cardoso: sugestão para que o MTG crie departamento de pesquisa sobre a contribuição do povo negro

Reflexão - Para Julia Azambuja, diretora do Departamento de Manifestações Individuais do MTG, novembro não é um mês de comemoração, mas de reflexão. Ela diz se sentir grata por haver um reconhecimento no tradicionalismo gaúcho, avaliando, porém, que se deve continuar buscando mais. "Estamos vivendo um novo momento, com cada vez mais negros tendo colocação, vez e voz, ocupando espaços de liderança, apropriando-se do seu espaço", analisa. Julia avalia que a cor da pele não diferencia nem para mais, nem para menos, e que é importante reconhecer a contribuição do povo negro. "Nós também somos a história do Rio Grande do Sul e do Brasil". Julia defendeu as bandeiras do respeito, humildade, tradição, emoção e valores. "Tenho carinho enorme a todos os brancos, pardos, mamelucos. Não tem raça, não tem credo, não tem cor. Temos que nos respeitar enquanto negros para que os demais nos respeitem", afirmou.

História minimizada - Na opinião da prenda veterana da 24ª Região Tradicionalista, Rosangela Aquino, a história do negro foi minimizada. "Depois de tudo que sofreu, a história do negro aparece meio mascarada. Não se tem uma abordagem ampla sobre a realidade das charqueadas e da guerra, por exemplo", analisou. Rosangela afirmou que sente falta de, nas entidades tradicionalistas, falar-se dos negros e por isso criou, em sua entidade, algumas iniciativas. Uma delas é a formação de uma biblioteca. Outra ação é a realização de tardes de estudo com crianças. Segundo ela, as coreografias do Enart que abordam a contribuição do negro são maravilhosas, mas às vezes o povo negro não se vê nelas. "Não vemos nossa história, tudo que aconteceu com nossos antepassados". Particularmente, Rosangela acredita que deve haver um olhar especial para as mulheres negras, que muitas vezes abdicavam de seus próprios filhos para criar dos filhos dos patrões.

A programação alusiva à Semana da Consciência Negra do MTG contou também com debates online, nos canais do Facebook, Instagram e YouTube.

Por Sandra Veroneze

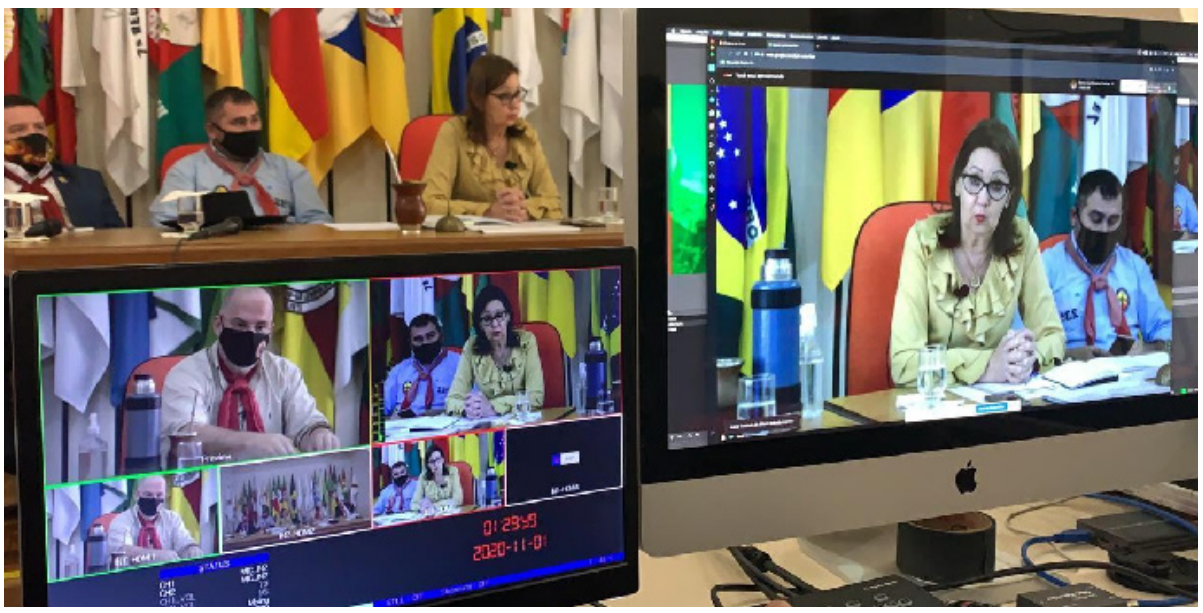
GESTÃO

Conselho do MTG **rejeita prorrogação de mandato** e avaliará votação online para fevereiro

O Conselho Diretor do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul decidiu, na noite de segunda-feira, 23 de novembro, rejeitar proposta de prorrogação de mandato feita pelo conselheiro Jorge Soares. Os cargos contemplados seriam de presidência, diretoria, conselho, coordenadores regionais e patrões, sob o argumento de que, em função da pandemia, neste ano os gestores não tiveram as condições necessárias para realizar suas atividades.

A presidente do MTG, Gilda Galeazzi, já havia manifestado, publicamente, ser contra a medida. Também foi posta em discussão a proposta do conselheiro Manoelito Savaris para que as eleições, que ocorrem no Congresso previsto para fevereiro, em Canoas, possam ocorrer presencialmente em cada uma das 30 Regiões Tradicionalistas. O vice-presidente Campeiro, Adriano Pacheco, manifestou-se a favor da regionalização, porém propôs votação online, através de uma plataforma segura.

"Vamos elaborar, através da diretoria, uma nova proposta para ser avaliada. A realização presencial do Congresso, seja em Canoas ou nas regiões, dependeria da evolução da pandemia. Se fosse hoje, sua execução seria inviável. Não podemos colocar em risco a saúde dos nossos tradicionalistas, principalmente porque muitos deles fazem parte do grupo de risco para a Covid-19", afirmou a presidente Gilda Galeazzi.



Convenção: votação online foi exitosa

Experiência online

Recentemente, o MTG testou o formato online para eventos com abordagem administrativa e manifestação de voto. A Convenção Tradicionalista, definindo o valor das anuidades para o período de 2021, foi neste formato.

Na ocasião, definiu-se o valor das anuidades das entidades filiadas ao MTG com variações entre R$ 108,54 e R$ R$ 1.085,00, com desconto de 40% se quitadas até o mês de fevereiro. Já com parcelamento em quatro vezes, o desconto cairá para 20%.

Apresentados por um grupo de 23 coordenadores regionais do MTG, os valores foram aprovados, por 33 votos, na Convenção Extraordinária realizada na tarde deste sábado, dia 31 de outubro, no formato online, transmitido pelas redes sociais do Movimento. A proposta da diretoria teve 18 votos e a proposta do conselheiro Manoelito Savaris recebeu nove votos.

Já a proposição de isentar das anuidades entidades em débito por mais de três anos, desde que recolhidos os valores referentes a 2021, foi retirada da pauta.

Propostas

A proposta da diretoria do MTG propõe o valor de R$ 759,00 para entidade plena; R$ 645,00 para entidade parcial e R$ 379,00 para entidades especiais. Entidades estudantis, mantidas por escolas ou grêmios, seria de R$ 75,00 caso seja a proposta aprovada. O MTG repassaria à Coordenadoria Regional a que pertencer a entidade, os seguintes valores: entidade plena: R$ 287,60; entidade parcial: R$ 242,00; entidades especiais: R$ 135,60 e entidades estudantis: R$ 14,00. O Jornal Eco da Tradição seria R$ 40,00.

A proposta do conselheiro benemérito e vaqueano do MTG, Manoelito Savaris, propôs, para entidade plena, R$ 700,00; parcial, R$ 550,00, especiais, R$ 300,00; e para entidades estudantis, R$ 100,00. O MTG repassará à Coordenadoria Regional a que pertencer a entidade, até 30 dias após o recebimento, os seguintes valores: para entidade plena, R$ 350,00; para entidade parcial, R$ 275,00, para entidades especiais, R$ 150,00 e para entidades estudantis, R$ 50,00. Não haverá cobrança relativa ao jornal Eco da Tradição. As coordenadorias regionais poderão, mediante aprovação do Encontro Regional, instituir taxa a ser paga pelas entidades de sua jurisdição, a fim de que elas possam atender às suas obrigações financeiras.

A proposta encaminhada pelos coordenadores regionais previa os seguintes valores: entidade plena, R$ 1.085,43; entidade parcial, R$ 922,61; entidade especial: R$ 542,71 e entidades estudantis, R$ 108,54. A proposta também prevê que o valor arrecadado com as anuidades 2021 seja remetido às Regiões Tradicionalistas um complemento de 10% a título de ajuda de custo para auxílio nos eventos regionais, ou seja, que sejam remetidos 50% do percentual arrecadado.

Por Sandra Veroneze

PRENDAS E PEÕES

Gestão de prendas e peões 360 graus: como pensam e sonham os jovens

Constituir a gestão estadual de prendas e peões é uma honra e também um desafio. Ao mesmo tempo que a posição sacraliza uma trajetória de esforço, também exige uma liderança que extrapola o mero posicionamento pessoal para servir de exemplo e inspirar. Em 2020 a gestão de prendas e peões ganhou vitrine, principalmente online, e perguntamos como está sendo a experiência, em vários aspectos

Pela primeira vez na história, uma gestão estadual fica dois anos no cargo. Em que aspectos está sendo positivo e desafiador? Por outro lado, o que se lamenta neste cenário?

Juliane da Cruz Carvalho, 3ª Prenda: "O trajeto que percorremos até chegarmos a um título estadual é de muito trabalho e de muita dedicação, então podermos ficar dois anos representando a juventude tradicionalista é uma grande alegria e responsabilidade. É positivo, pois podemos seguir trabalhando, defendendo o tradicionalismo e atuando na sociedade em prol do coletivo. Por outro lado, é desafiador não saber quando tudo voltará ao normal e de que forma as ações estão sendo vistas. Mesmo sendo uma ótima experiência estar em uma gestão de dois anos, é necessário termos a consciência de que só estamos em uma, em razão de tudo que está acontecendo no mundo inteiro e é triste e preocupante sabermos o quanto a vida das pessoas mudou desde março, o quanto essa pandemia pode ser prejudicial: aos trabalhadores e, principalmente, com aqueles que perderam pessoas de suas famílias e convívio."

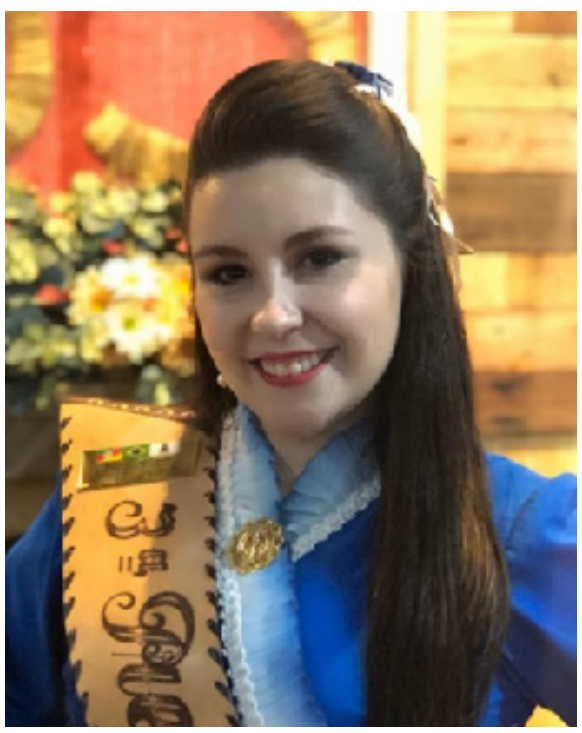
Micael Feliciano Machado Lopes, 1º Peão - "Parece fácil e promissor, inclusive, parece eternizar ainda mais um momento, mas a realidade é que com tudo isso vêm inúmeras responsabilidades que não faziam parte do planejamento. Todos adequaram suas vidas para disporem de tempo a ser destinado com quase que exclusividade ao Movimento, mas a vida nos pegou de surpresa e nos fez nos reinventarmos, nos multiplicarmos, para atender aquilo que se espera de uma gestão estadual. Não foi fácil, não é. Sabemos os inúmeros deveres que temos para cumprir frente à representatividade do cargo de sermos Prendas e Peões de um estado, do RS. Todos os dias vem sendo um desafio conciliar planos e projetos pessoais e tradicionalistas adiados, outros tantos acumulados.

Sabemos que tudo isso não acontece somente para nós, mas para todos que vivem um acontecimento inédito da sociedade mundial! No tradicionalismo, as cobranças sempre são altas, nos ensaiam para a vida profissional sem deixar nada a desejar, uma escola da vida, do equilíbrio emocional e da criação de jovens aguerridos. Nos moldamos, enfrentamos diversas vezes até mesmo o nosso querer. Nos perguntamos hoje e sempre: será que este é o rumo certo? Ou, até mesmo, será que estamos dando o nosso melhor? Todos os dias nos questionamos sobe a nossa doação e, na cabeça, passam inúmeros filmes, reportando às coisas boas que construímos ao longo da gestão e aquelas não tão boas que serviram de aprendizado par nós e os nossos sucessores.

No fundo, acredito que todos temos a certeza de que tudo foi feito da melhor forma possível, pois achamos um jeito de levar a nossa opinião, nossa presença e conhecimento através deste meio que nos une e que ao mesmo tempo nos distancia, que é a internet, as mídias digitais. Volto a dizer que não é fácil, mas aprendemos muito. Em meio à pandemia, ainda, passamos a dar mais valor de estarmos com nossos amigos, de podermos fazer o que mais gostamos e cultivamos, que é ser cultura em diferentes formas de expressão. Passamos a entender a falta que faz um abraço e até "passar calor, frio, fome", tudo isso, juntos, por horas a fio nos eventos. A gente sabe o quão bom é poder pegar a estrada, rumo a encontrar todos os amigos tradicionalistas que passam a ser nossa família.

Ressalto o quão admirável é a força da nossa tradição, em meio à situação caótica, pois nos transformamos. Nosso movimento aproveitou debates pertinentes sobre a situação mundial e, visando o bem coletivo, externando as formas de expressão, se reinventou, através de cada um de nós. Assim, diante do que aprendemos, a única coisa a se lamentar é a ausência do corpo físico, como disse, do abraço e do riso acompanhado de cada amigo, embora saiba que muitos são aqueles que se planejaram para tornarem-se os representantes da juventude, temos a certeza de que tudo isso os preparou ainda mais para serem os Peões e Prendas do RS 2021/2022. Pessoalmente, lamento apenas que, por conta da escolha profissional à qual dedico 90% dos meus dias, não tenho conseguido estar mais presente com todos através das redes sociais. Realmente as coisas às vezes não saem como nós planejamos. Confesso que não tem sido fácil conciliar a carreira nova como recém formado, cumprindo plantões, com a caminha de Peão do Estado, mas sou grato por esta cavalgada da vida, que tem me ensinado tanto a dar mais valor a cada minuto e a ser mais resiliente. Em frente sempre!"

A Gestão Estadual tem forte atuação nas mídias sociais. Em 2020, com a pandemia de covid-19 e a in-



Juliane da Cruz Carvalho

Micael Feliciano Machado Lopes

Isabella Nunes da Silva

Gabriela Sarturi Rigão

Raphael Luciano Scarton

Gabriely Portela Ramos

tensificação dos canais online de comunicação, que avaliação vocês fazem quanto ao uso coerente das tecnologias pelos jovens tradicionalistas?

Isabella Nunes da Silva, 1ª Prenda Juvenil – "Acredito que a pandemia foi uma oportunidade de maior utilização das tecnologias no Movimento Tradicionalista Gaúcho. As Prendas e Peões do RS intensificaram suas postagens e o olhar direcionado ao auxílio dos candidatos nos concursos culturais. A instituição, as regiões e entidades tradicionalistas se voltaram para o uso dos meios de comunicação virtual como uma forma de manter viva a tradição gaúcha no cotidiano da população. Na minha opinião, os jovens tradicionalistas estão usufruindo da melhor forma possível destas ferramentas. De tal forma, a realização de lives foi uma das protagonistas nesse momento em que nos encontramos, onde palestras, rodas de conversas e discussões necessárias sobre diversos temas que permeiam a vida de nossa sociedade puderam ser colocadas em prática. Talvez precisássemos dessa oportunidade para entendermos o quão importante as tecnologias podem ser, que as mesmas fazem com que nos tornemos verdadeiros Gaúchos sem Fronteiras, aliados e voluntários na busca pela preservação da cultura do Estado, transpondo barreiras territoriais e ideológicas, conquistando cada vez mais locais e diferentes gerações."

Gabriela Sarturi Rigão, 1ª Prenda - "Quando penso sobre nossa gestão desde o início da pandemia, vejo a criação de muitas conexões. Essa é minha forma favorita de usar a tecnologia: criar, estreitar ou manter laços afetivos. Enquanto prenda, virtualmente, senti muitos abraços e me emocionei muitas vezes ao me conectar com outros tradicionalistas. Estamos 'conhecendo' novas pessoas, rompendo fronteiras geográficas, trocando experiências, opiniões e crescendo juntas. Em maio, iniciamos uma grande conexão entre as prendas regionais que participariam da Ciranda Estadual em 2020 e mobilizamos virtualmente uma campanha de agasalho com resultados impressionantes. Foi virtualmente, pensando no bem do próximo, que essas prendas se reconheceram e criaram laços, um dos grandes exemplos que carrego do uso da tecnologia nesse ano. Além disso, vejo o conhecimento sendo transmitido de forma mais acessível a muitos. Diversas pessoas estão a compartilhar seus saberes de forma gratuita e voluntária. Isso me alegra muito, pois acredito nessa democratização do conhecimento e o tradicionalismo carecia de oportunidades como essa para tantas pessoas que ficavam impossibilitadas financeiramente de se deslocar até um evento para uma roda de conversa ou escutar uma aula de história, por exemplo."

A Gestão Estadual de Prendas e Peões neste ano publicou diversos cards, entre eles um polêmico, engajado nas campanhas de promoção de consciência e respeito às causas e pessoas LGBTQIA+. Qual a importância dos jovens tradicionalistas levantarem bandeiras de lutas e causas que são da sociedade como um todo, entre elas também prevenção ao câncer de mama, de próstata, valorização do idoso etc?

Raphael Luciano Scarton, 1º Guri Farroupilha - "Nossa gestão sempre se debruçou com muito carinho e respeito sobre essas pautas, por entender que não se trata de questões políticas, mas sim de convicções plenas e claras acerca da condição de respeito, empatia e generosidade que almejamos, paulatinamente, auxiliar a instaurar no conjunto social. Julgar a natureza das pessoas, condições inerentes a qualquer escolha, é leviano e criminoso, posto que há espaço para todos manifestarem seus anseios e valores. Compreender que a pluralidade nos faz maiores e melhores é primordial, haja vista a crescente onda de intolerância e de ódio que vem se elevando ao redor do mundo. Quando a noção de que a matéria que nos faz existir é exatamente a mesma que permite que os outros todos existam, todos sairão mais fortalecidos, inteligentes e com uma perspectiva de mundo ampliada. Pugnar pela independência psicológica e ideológica de nosso povo faz com que encontremos na reflexão e na dúvida caminho para a evolução do Movimento e, desta forma, da sociedade. Nunca tratamos tão abertamente sobre pluralidade, aceitação e acolhimento. É necessário, portanto, que as vozes - que permaneceram por muito tempo caladas - sejam ouvidas e tenham seu discurso legitimado e respeitado. A beleza da diferença nunca esteve tão em voga entre nós. Que assim permaneça e evolua."

Gabriela Sarturi Rigão, 1ª Prenda - "Cabe ressaltar que desde o início de nossa gestão as causas sociais foram uma preocupação em nosso projeto denominado "Anseios de Paz e Esperança: O tradicionalismo em favor da igualdade, respeito e coletividade", a exemplo da roda de conversa realizada com a juventude na Convenção de Jaguarão, que colocava em pauta essas questões por vezes consideradas "polêmicas", mas que eu denomino como necessárias. Neste ano, as ações nas redes sociais deram ainda mais amplitude para esse olhar de igualdade, respeito e coletividade. O tradicionalismo é feito por pessoas, as quais são múltiplas, diversas e aquela característica que (ironicamente) muitas vezes se esquece: humanas! Seres que sofrem, riem, choram, adoecem, sentem dores, sentem ódio e amor, buscam a felicidade e o bem-estar. Acredito que é nessa dimensão humana que habita a essência do tradicionalismo, a força que o move. Dessa forma, não podemos fechar os olhos. Constantemente buscando fazer esse olhar, sinto que minha pilcha não me torna super-herói de aço frio, não me torna um personagem, mas ela aquece meu coração na singularidade que trago na minha história e assim exercito a empatia de olhar aos outros com igualdade, respeitando sua diversidade. Porém, sou só mais uma caminhante, ainda tenho muito a aprender, muito a enxergar, mas seguirei com fé nos ideais, nos encontros, nas pessoas."

Neste ano a Gestão de Prendas e Peões abriu espaço em seus canais para a publicação de artigos de opinião. De modo geral, o jovem tradicionalista é

PRENDAS E PEÕES

posicionado? Ou acaba por repetir opiniões emitidas pelos mais antigos?

Gabriely Portela Ramos, 3ª Prenda Juvenil - "A opinião do jovem sempre foi um fator determinante no meio tradicionalista, visto que esse foi o princípio de tudo e quem por muito tempo tocou quase que sozinho o Movimento. Com o passar do tempo, muitos daqueles jovens se tornaram para nós pessoas experientes, as quais temos a liberdade de conversar, compartilhar ideias, pensamentos... Figuram, assim, como modelos de inspiração para a nossa juventude, principalmente em opiniões acerca de determinados assuntos. No entanto, os tempos são outros e o pensamento da juventude atual é por certo bastante diferente daqueles primeiros, e essa diferença nunca foi um empecilho do meio, pois a consciência da construção de um Movimento para todos com ideias de diferentes gerações está presente entre os tradicionalistas e só assim poderá ser feito. Por muitos anos vimos a liberdade do jovem em expor suas ideais nos veículos oficiais do Movimento, como o jornal Eco da Tradição, ou em eventos tradicionalistas do estado, bem como em suas próprias redes sociais. O "artigo de opinião" proposto pela gestão estadual é mais um meio para dar voz a esse jovem que passa, como todos, um momento de grandes dificuldades com a pandemia. Buscamos com esse nos aproximar tecnologicamente das pessoas em um momento que o contato físico não é possível, abrir os olhos da sociedade quando falamos de assuntos complicados e necessários e fortalecer aquilo que defendemos pois será esse o fator determinante para a construção o movimento dos próximos anos."

Juliane da Cruz Carvalho, 3ª Prenda - "Acredito que o jovem tradicionalista sempre teve sua opinião formada (ou em formação), mas muitas vezes acabava não passando aos demais por receio de não ser ouvido ou até mesmo de ser desrespeitado. Vejo que com o aumento do uso da internet, o jovem conseguiu se expor mais, conseguiu demonstrar suas opiniões com menos medo e reconhecendo espaços de diálogo.

Bruno Bohrer Strack

Considero que essas opiniões são sim reflexos dos ensinamentos dos mais experientes, reelaboradas com novas vivências e reflexões. Mas hoje noto a juventude muito mais confiante nas suas ideias e em si para se expressar (principalmente nas redes sociais). Acredito que essas expressões e diálogos virtuais irão refletir nas explanações presenciais também."

A juventude tem como uma de suas principais características o novo. Novas ideias, novas possibilidades, novos jeitos de fazer algo. Como conciliar esse espírito com o passado e a tradição, que são bandeiras do tradicionalismo?

Rafaela Prietsch dos Santos, 1ª Prenda Mirim - "A juventude tradicionalista busca novos meios de representar a nossa cultura e, nesse momento em que nos encontramos (na pandemia) procuramos, por meio das redes sociais, propagar a tradição gaúcha, nos reinventando e reformulando o nosso modo de agir em prol do tradicionalismo. Afinal, a palavra movimento tem como significado ação ou efeito de movimentar, de mover, de

Rafaela Prietsch dos Santos

mudar, além de que pode ser considerado uma ação de um grupo de pessoas unidas para um mesmo propósito. Dessa forma, conciliamos o passado e a tradição com o presente e a tecnologia, com o objetivo de levar além fronteiras um pouco da nossa cultura de um modo rápido e atual."

Bruno Bohrer Strack, 3º Piá - "O tradicionalismo tem dado cada vez mais voz e vez para os jovens. Cabe a nós saber valorizar esta oportunidade. Penso que as pessoas que participam do movimento, em sua maioria, valorizam o passado e a tradição, então conciliar com novas e ideia e novas maneiras dos jovens é uma questão de jeito. Os mais experientes devem dar conselhos e ouvir as ideias dos jovens e os jovens devem apresentar estas ideias, mas sempre seguindo os conselhos dos mais experientes. Acho que bom senso e diálogo são palavras chave para que o nosso movimento siga crescendo e avançando em ideias e tecnologias sem perder a sua essência e sua tradição."

Entrevista para Sandra Veroneze

CULTURA

“Onde há aprendizado e crescimento, há **motivos para comemorar**”

Para a cultura gaúcha 2020 tem sido um ano desafiador. Da mesma forma,também para a vice-presidência do MTG encarregada do setor. Roberta Jacinto, nesta entrevista, fala sobre as conquistas deste ano, principais aprendizados e legado

Quais as principais conquistas da vice-presidência de Cultura neste ano?

Entendo que a nossas principais conquistas foram o despertar para além das competições e o reconhecimento pelos demais departamentos. A rapidez com que as atividades se desenvolviam, assim como a grande quantidade de eventos, acabaram por nos tornar “automáticos”. Estávamos realizando projetos, participando de eventos e vivendo muitos momentos de forma mecânica, afinal, sabíamos que no próximo final de semana, ou mês, “tinha mais”. Isso tudo também fazia com que os olhos se voltassem ao destino final, a competição, e acabava por tirar a atenção daquilo que também nos traz um imenso aprendizado: o caminho.

Como foi a integração entre todos os departamentos da vice-presidência?

A integração aconteceu na medida em que as necessidades foram surgindo. Embora para os tradicionalistas tenha sido um momento de parada, para o Movimento enquanto instituição foi um ano bastante intenso. Foi preciso que a federação fizesse valer o seu reconhecimento enquanto movimento de preservação e divulgação da cultura gaúcha. Além disso, de fato, foi necessário nos mantermos em movimento, promovendo o envolvimento dos tradicionalistas nas mais diversas áreas.

Roberta Jacinto: um ano em que desligamos o piloto automático

Quais os principais ensinamentos da pandemia para a área cultural tanto na federação, como regiões tradicionalistas e entidades?

Certamente os ensinamentos e legados permeiam a área dos valores. A empatia foi um dos principais legados. Todos estamos vivendo um momento diferente e precisamos constantemente nos colocar no lugar do outro, afinal, diversas são as questões para as quais não conseguimos ter respostas. O trabalho em equipe também teve grande destaque por meio dos eventos online, cursos e campanhas solidárias. Reforçou-se o sentido de que “a união faz a força”.

É um ano a ser comemorado?

Acredito que onde há aprendizado e crescimento há motivos para comemorar. Claro que não foi um ano fácil. Inúmeros foram os desafios, mudanças e momentos de crise. No entanto, tudo isso nos trouxe um crescimento que talvez não conseguíssemos ter ao somar muitos anos “normais”. Aprendemos a nos comunicar virtualmente, valorizar abraços e conversas, prestar mais atenção no caminho que percorremos e nos colocarmos no lugar do outro.

Qual o seu sentimento, hoje, como titular da pasta?

Fico com a consciência tranquila de ter feito tudo que estava ao meu alcance. Embora alguns planos não tenham sido colocados em prática devido às condições que encontramos neste ano, tenho certeza de que trabalhamos o máximo pela preservação e divulgação da cultura gaúcha, valorizando e destacando também a importância do Movimento Tradicionalista Gaúcho e da cultura como um todo para a sociedade. Além disso, imensa gratidão a todos os diretores, departamentos e gestões de prendas e peões que deram vida às atividades da vice-presidência de cultura.

Entrevista para
Sandra Veroneze

GESTÃO REGIONAL

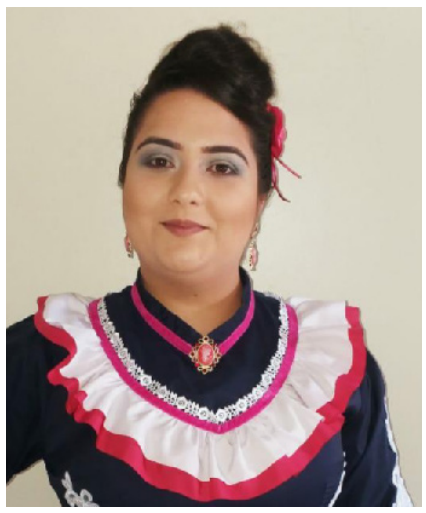
Qual o limite saudável entre **voluntariado e profissionalização** no tradicionalismo gaúcho?

O tradicionalismo, historicamente, tem no voluntariado um de seus alicerces. Ao mesmo tempo, diversas áreas estão cada vez mais profissionalizadas, gerando emprego e renda. Qual sua opinião quanto à equação voluntariado x atividade profissional no tradicionalismo gaúcho?

Roberto dos Santos Ferreira, coordenador da 6ª RT - O nosso Movimento foi fundado com base no voluntariado. Quando o saudoso Paixão Côrtes fez suas pesquisas sobre danças e costumes, foi de forma voluntária. Creio que nos afastamos muito desta origem. Os profissionais se formam dentro das entidades tradicionalistas, que bancam as despesas de luz, água e outras. É ali que aprendem e depois parecem se voltar contra, cobrando pelos serviços. Hoje está tudo muito caro. O instrutor, por exemplo, leva consigo seu músico, sua costureira, a loja. Sou a favor do modelo em que se pague, aos profissionais, ajuda de custos, cobrindo despesas de locomoção, alimentação etc. Se continuarmos assim, não sei onde vamos chegar. Penso que devíamos aproveitar esse momento de pandemia para rever, estudar essa questão.

Everaldo Dutra, coordenador da 6ª RT - O nosso Movimento foi fundado com base no voluntariado. Quando o saudoso Paixão Côrtes fez suas pesquisas sobre danças e costumes, foi de forma voluntária. Creio que nos afastamos muito desta origem. Os profissionais se formam dentro das entidades tradicionalistas, que bancam as despesas de luz, água e outras. É ali que aprendem e claro que contam cada um com sua qualificação e depois voltam a Entidade, cobrando pelos serviços. Hoje está tudo muito caro. O instrutor, por exemplo, leva consigo seu músico, sua costureira, a loja. Sou a favor do modelo em que se pague, aos profissionais, ajuda de custos, cobrindo despesas de locomoção, alimentação etc. Se continuarmos assim, não sei onde vamos chegar. Penso que devíamos aproveitar esse momento de pandemia para rever, estudar essa questão.

Edgar Barnasque dos Santos, 15ª RT - No meu entendimento o tradicionalismo é sentimento que deve ser preservado na sua essência. Temos visto nos dias atuais uma mudança muito grande no culto às nossas tradições, o que vem nos



Ana Cláudia da Silva

causando um desgaste muito grande e fugindo de sua originalidade. Cada dia que passa está ficando cada vez mais difícil às pessoas menos favorecidas participar de nossas atividades. Quanto mais nos profissionalizarmos, mais estaremos fomentando a participação apenas dos mais favorecidos financeiramente, levando assim nossas entidades a sucumbirem, pois deixaremos de ter o voluntariado. Por consequência, nosso Movimento ficará à mercê apenas daqueles com interesse de viver do Movimento e não para o movimento.

Marco Saldanha, coordenador 4ª RT - Ambos os vieses têm sua importância para a manutenção das atividades tradicionalistas. Acredito que todos que desempenham funções de gestão devem ser voluntários, porém aqueles profissionais que prestam serviço nas diversas áreas (instrutores, músicos, costureiras) fazem o seu trabalho voltado a dar apoio às atividades existências das entidades tradicionalistas, podem ser profissionais remunerados, demonstrando competência, comprometimento e foco nessas atividades. Esse profissional deve estar em constante atualização para suprir os anseios das entidades. Em outra ótica podemos analisar que as entidades tradicionalistas contribuem para o desenvolvimento econômico, gerando emprego e renda, por isso defendo que devemos priorizar a contratação de pessoas das nossas regiões ou dos nossos municípios.

Silvania Zart

Roberto dos Santos Ferreira

Everaldo Dutra

Armelindo Rosset

Silvania Zart Valle Affonso, 21ª RT - O voluntariado é uma característica básica para a manutenção do Movimento Tradicionalista Gaúcho, isto é um fato. Entretanto, não se pode negar que existe uma cadeia produtiva da cultura que necessita ser alimentada. São instrutores, músicos, narradores e mais um sem fim de profissões que possuem, no tradicionalismo, o seu sustento. Quanto ao ser voluntário, não é trabalhar de graça. É dedicar-se a alguma atividade tradicionalista sem remuneração, colaborando com as pessoas. É ser parceiro dentro dos seus limites de possibilidades e abraçar uma causa, dedicando um pouco de si, para as demais pessoas.

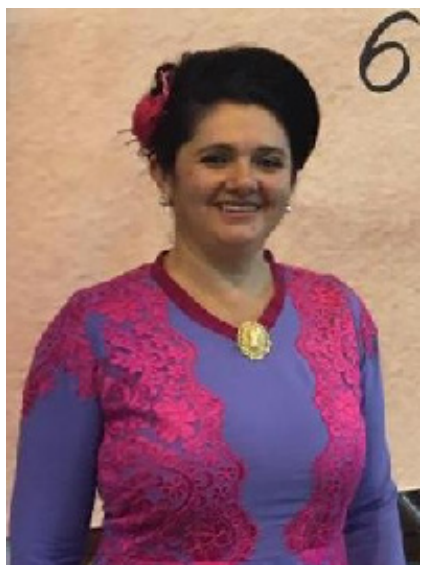
Ana Claudia da Silva, 9ª RT - Entendo que ambos são de fundamental importância para a continuidade do tradicionalismo organizado, porém vale ressaltar que com o passar dos anos percebemos a diminuição de voluntários em nossas entidades, devido a diversas circunstâncias, principalmente pelas tecnologias que nos cercam e que consomem boa parte de nosso tempo. Por isso, mesmo havendo tradicionalistas que exercem no tradicionalismo a sua atividade profissional, e isso é louvável, pois gera renda, crescimento e continuidade das nossas atividades, estes com toda a certeza e em vários momentos realizam o voluntariado, o que é de grande valia, pois o trabalho dignifica o homem e o voluntariado enobrece a alma. Que possamos cada vez mais unir e equiparar o voluntariado e a atividade profissional para

engrandecer ainda mais o nosso Movimento Tradicionalista Gaúcho.

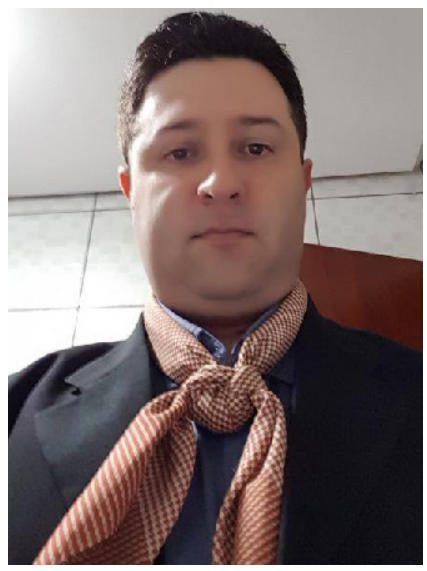
Armelindo Rosset, Coordenador da 19ª RT - Tem muitas pessoas que estão no voluntariado, pelo tradicionalismo e inclusive pagam para fazer cultura e tradição. E tem outros que se beneficiam do tradicionalismo. Conheço casos de pessoas que largaram seus rempreg, e tem utros que ganham. Não sou contra alguém ser remunerado. Mas noa vejo positivo, dentro do tradicionalismo, largar do trabalho e fazer o tradicionalismo sua fonte de renda, com carteira assinada, qq coisa assim. O tradicionalismo ta muito levado pra um lado dinheirista, de fonte de renda. Quem tem loja de vestuário eh outro departamento. Tem uns meninos posteiros, largaram do emprego pra dar aula de dança. Fonte de renda extra. Há quem pague pra fazer tradição. Algumas coisas precisam ser remuneradas.

Evandro Martins Otero, coordenador 17ª RT - Segundo definição das Nações Unidas, "o voluntário é a pessoa que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades ...". O tradicionalista, portanto, é um voluntário que se dedica ao Movimento sem receber qualquer pagamento. Por isso, age para que a entidade da qual faz parte alcance seus objetivos e que bom que temos pessoas dispostas a estar levando esse serviço voluntario em todo o estado. Mas com a evolução dos tempos algumas atividades formam se transformando para a profissionalização e tudo começou a ser pago: juízes, narradores, avaliadores, instrutores, entre outros. Com isso, os eventos começaram a ficar mais competitivos, pois com as especializações de cada um em suas modalidades as disputas são definidas mais nos detalhes, o que faz com que as pessoas queiram ser cada vez melhores. Só que as pessoas se aproveitam do profissionalismo para poder cobrar por algo que em certos momentos poderia ser desenvolvido como um serviço de voluntário. E nessa questão do profissional tem a questão que alguns quando recebem o cartão administrativo se acomodam e não procuram se atualizar, pois como sabemos os regulamentos de ano em ano se altera e pode com isso comprometer a sua atividade em que está atuando. Mas não podemos deixar de exercer o voluntariado, pois foi nesse sentido que lá em 1947 foi dado início o nosso Movimento Tradicionalista. Defendo que quanto mais voluntário há, mais será valorizada nossa cultura.

Marco Saldanha



Vanderléa Belegante Nervo



Evandro Otero

Vanderléa Belegante Nervo, coordenadora 7ª RT - O melhor resultado é alcançado quando prevalece o equilíbrio. Com certeza o tradicionalismo é responsável pela renda de muitas famílias e movimenta cifras significativas na sociedade. Porém, não podemos esquecer que um dos principais objetivos do Movimento Tradicionalista é incentivar o voluntariado. Ensinar nossas gerações a prestar serviços para auxiliar na construção, tendo participação efetiva no aprendizado e na criatividade. Não podemos retroceder em alguns aspectos, principalmente naquilo que abrange a legislação. Cada dia se faz mais importante o auxílio de profissionais, principalmente na área administrativa, para o bom andamento das atividades das entidades, mas temos que incentivar a solidariedade na ajuda mútua em várias ações. A maior recompensa humana é construir em grupo, sentir-se parte essencial na realização de um sonho, ou simplesmente de uma atividade, mostrando que o resultado final não é tão importante quanto a doação de cada um. Nossos jovens têm que conhecer o verdadeiro significado do voluntariado para que fundamentem seus anseios profissionais com a verdadeira razão de ser tradicionalista: fortalecer a sociedade.

Por Sandra Veroneze

JUVENTUDE

“Precisamos estar preparados para **mudanças repentinas** que alteram o planejamento”

O Departamento de Apoio à Juventude Tradicionalista iniciou o ano cheio de otimismo e preparado para um calendário intenso de atividades. Com a pandemia, os eventos que contariam com a participação dos jovens integrantes do Departamento Jovem e também da Gestão de Prendas e Peões foram suspensos. Nesta entrevista, os diretores Genil e Ivanir falam sobre os aprendizados e conquistas até o momento

Quais as atividades/responsabilidades do departamento?

As responsabilidades da Diretoria de Apoio à Juventude Tradicionalista é de orientar, apoiar, incentivar, acompanhar nos eventos, organizar - como hospedagem, transporte, tanto na organização antecipada de hotel, alojamento, por exemplo, como em questões financeiras, como a organização do ressarcimento de gastos. Também é nossa função fazer a intermediação entre a gestão de Prendas e Peões do Rio Grande do Sul e Departamento Jovem Central com a Diretoria do MTG.

Como é composta a equipe de trabalho?

Os Diretores do Departamento de Apoio à Juventude Tradicionalista somos nós, Genil Rigo e Ivanir Líbera Trentini Rigo. Somos casados, naturais de Santo Antônio do Palma, representantes do CTG Pousada dos Tropeiros do mesmo município, e 7ª Região Tradicionalista. Temos, entre nossas responsabilidades, repassar as informações para a Roberta Jacinto, Vice-Presidente de Cultura do MTG, e, em seguida, ela repassa para Gilda Galeazzi, Presidente do MTG. Então a equipe de trabalho é composta por essas pessoas, possibilitando o contato entre todos: gestão, diretoria de apoio e diretoria do MTG.

Neste ano tivemos / estamos tendo a pandemia. O que foi suspenso em função da Covid-19?

O ano de 2020 foi atípico. Devido à pandemia, houve alteração em toda a programação do Movimento Tradicionalista Gaúcho também. A programação de janeiro e fevereiro ocorreu normalmente. Dia 08 de março ocorreu o último evento estadual – o Seminário Estadual de Prendas, na cidade de Carazinho, 7ª Região Tradicionalista. Após este evento, aconteceria FECARS na cidade de Pelotas, e este foi o primeiro evento suspenso. Após este, todos os eventos seguintes foram suspensos. Em abril, nossos jovens preparavam-se para a realização do Entrevero Cultural de Peões – fase estadual, que aconteceria na cidade de Cachoeira do Sul; em maio, a tão sonhada 50ª Ciranda Cultural de Prendas a qual seria realizada na cidade de Santa Maria; em junho, as Cirandas e Entreveros – fase regional; em julho, houve a suspensão da Convenção Tradicionalista; em agosto, o Acendimento e distribuição da Chama Crioula; em setembro, toda a programação presencial da Semana Farroupilha, incluindo o desfile de 20 de setembro de Porto Alegre, evento que sempre contou com a participação das Prendas e Peões estaduais; em outubro: Tchêncontro Estadual da Juventude Gaúcha, Acampamento Estadual e aniversário do MTG; em novembro: Encontro de Arte e Tradição Gaúcha (Enart) e junto a este, a Mostra de Arte e Tradição Gaúcha. Estes são os eventos promovidos historicamente de forma presencial pelo MTG e que a gestão estadual estaria presente desenvolvendo suas atividades. Além desses, houve inúmeros eventos regionais e internos que estavam organizados e que contariam com a participação do Departamento Jovem e Prendas e Peões do RS e que também foram suspensos durante este período.

Casal Genil e Ivanir Rigo: *atividades desempenhadas em ambiente online*

Por outro lado, o que foi criado em função da Covid-19?

Tendo convicção de que seria necessário encontrar formas de manter o Rio Grande tradicionalista conectado, foram criadas diversas novas programações, como por exemplo: lives, reuniões online, templates, campanhas de doação de brinquedos, entre outros. As redes sociais foram muito exploradas, visto que essa foi a melhor maneira encontrada para atingir o maior número de pessoas e mesmo que virtualmente, manter contato.

Que atividades ainda serão desenvolvidas até o final do ano?

A gestão estadual e o Departamento Jovem Central estão sempre trabalhando e buscando inovação. Por ora, as publicações nas redes sociais oficiais continuarão, assim como a participação em lives e em palestras online. Para a data em que seria realizado o Enart, assim como houve na data do Entrevero e Ciranda, por exemplo, haverá programação especial.

Quais as lições da pandemia para o departamento?

Acreditamos que ninguém viverá o “novo normal”, após o final da pandemia, sem novos aprendizados. Para o Departamento de Apoio à Juventude Tradicionalista não seria diferente. Aprendemos que é possível manter contato, compartilhar ideias e trabalhar pelo tradicionalismo, mas o online não substitui o presencial e não substitui o abraço e a conversa de cada evento. Assumimos o Departamento em março de 2020 e o único contato que tivemos de forma presencial, com parte da gestão estadual, foi no Seminário Estadual de Prendas, em Carazinho. Foi o único momento que tivemos para trocarmos ideias, experiências e organizarmos o trabalho que seria realizado até abril e maio de 2020. Por mais que conhecíamos a grande maioria das Prendas e Peões e alguns familiares também, o início foi um pouco difícil, pois estávamos organizados para manter contato pessoalmente. Portanto, a pandemia também nos deixa como lição que por mais que estejamos organizados com planos e objetivos para um longo período, precisamos estar preparados para mudanças repentinas e que alteram todo planejamento.

Entrevista para
Sandra Veroneze

MÚSICA

O segredo para compor uma **autêntica música gaúcha**, segundo artistas renomados

O tradicionalismo gaúcho é historicamente marcado por discussões acerca do que é e do que não é uma autêntica música gaúcha. Para ampliar e pontuar o debate, o Eco da Tradição perguntou a renomados artistas quais são os elementos indispensáveis para uma música ser considerada raiz. Confira a opinião de Analise Severo, Lincon Ramos, Nicole Carrion, Capitão Faustino e Leonel Gomes

Capitão Faustino - Penso que três elementos são muito importantes. O primeiro deles é a relação do artista com o tema cantado. Existe valor quando é algo do conhecimento do músico, de sua vivência, sua experiência. Isso dá uma base de verdade. Nas minhas composições, por exemplo, procuro valorizar o que vivi com meu pai, com meu avô. Outro elemento muito importante, a meu ver, se refere aos instrumentos. Penso que deve se buscar um equilíbrio entre o que é mais simples e a sofisticação de arranjos. Muitas vezes, um arranjo simples, mas feito com capricho, reflete melhor o que vai no coração do artista. Defendo a ideia de poucos instrumentos e bem tocados, sem muita firula. O terceiro elemento é a letra da canção. Precisa ser direta, valorizando a região de onde o artista vem. É bonito mostrar seu sotaque, sua linguagem. Isso tudo, na minha opinião, dá um lastro de autenticidade pra música gaúcha.

Nicole Carrion - Na minha opinião, para ser autenticamente gaúcha, uma música deve estar identificada com nossa cultura regional, com os nossos costumes. Um fator importante para isso é a presença de símbolos de nosso cancioneiro, como por exemplo instrumentos e arranjos típicos. Também penso que ela deve ser acessível a todos os tipos de público. Aqui me refiro às letras que abordam as lidas de campo. Nem todos conhecem os termos e isso pode ser um fator de distanciamento. Também penso que a música deve passar uma mensagem e acompanhar o tempo que vivemos. O que foi feito no passado não se muda mais e integra a história, cultura e tradição. Porém, existem certas coisas que não cabem mais, como letras que não falam tão bem da mulher ou se referem a ela de forma pejorativa. Podemos repensar nossa música, para que seja atual, acessível e reflexo de nossa identidade, trazendo cultura e tradição para todos.

Lincon Ramos - Baseio meu conceito nos mais de 30 anos de trabalho profissional na música gaúcha, como cantor, músico e também produtor. Na minha opinião, tem um tripé que

Nicole Carrion

é fundamental e determinante na concepção de uma autêntica música gaúcha: a letra, o ritmo e os arranjos. O primeiro pilar é a letra. Penso que ela deve conter vocabulário regional, contemplando inclusive as particularidades e variáveis de cada região do Rio Grande do Sul. Quanto ao ritmo, temos uma influência de vários povos, como argentinos, europeus, afro também, que gerou o bugio, a milonga, o chamamé, chamarra, vanera, vanerão, xote, valsa e outros... E o terceiro ponto também muito importante são os arranjos, que são muito particulares e representativos. Eu sou a favor da inovação na música gaúcha, especialmente na área técnica, para garantir maior qualidade sonora compatível, inclusive, com os tempos atuais. Inovação sem perder a essência, claro.

Leonel Gomes - A música só será autêntica se o que a constrói é autêntico, independente do ritmo, do tipo de instrumento e melodia.

Analise Severo - sdfafd

Quando falamos de música gaúcha, temos que considerar que o RS é formado de povos diferentes que nos influenciam diretamente. O gaúcho é cruzamento eventual de índios, negros, espanhóis, portugueses. Devido a essa miscigenação, toda a nossa música, inevitavelmente, bebe da inspiração de variados ritmos e levadas, como samba, rock, MPB e latino americano. Meu trabalho atual destaca essa mistura, sem deixar de lado o comprometimento

Capitão Faustino

Analise Severo

Lincon Ramos

Leonel Gomes

social que escolhi para o projeto "Bem Gaúcha". Todas as manifestações regionais são autênticas, cada qual com sua intenção, seja com aspectos mais tradicionais ou contemporâneos. A música gaúcha nos proporciona esse leque de possibilidades, de podermos escolher, desde a gaita a uma guitarra semiacústica. Basta pesquisar esta manifestação, por exemplo, nos primórdios dos nossos festivais, presentes até hoje no cancioneiro gaúcho. Ser gaúcho é um estado de espírito, cabe ao artista manifestá-lo, cada qual a seu jeito. Acredito na música universal sem deixar de ser regional. Viva a música gaúcha e brasileira! De Pedro Raimundo a Vitor Ramil, de Antônio Villeroy à Berenice Azambuja.

Por Sandra Veroneze

Avaliação da vice-presidência artística aponta para **um ano de aprendizados, desafios e esperança**

O calendário anual do MTG é abrilhantado por importantes eventos da área artística, entre eles o Enart - Encontro de Artes e Tradição Gaúcha, e o Fegadan - Festival Gaúcho de Dança. Ambos foram cancelados, em função da pandemia de covid-19. Apesar disso, foi um ano de trabalho intenso, segundo o vice-presidente Artístico, Valmir Böhmer, que faz nesta entrevista um breve balanço de 2020

A vice-presidência artística tem a responsabilidade de realizar grandes eventos tradicionalistas, como o Enart e o Fegadan. Neste ano, por conta da pandemia, eles foram cancelados. O setor compreendeu bem a situação?

O setor não teve outra alternativa, assim como a sociedade em geral, precisou se adaptar.

Apesar de não ter eventos, sua vice-presidência teve bastante trabalho neste ano. Quais as principais atividades realizadas?

Além da publicação da 5ª edição do livro de danças tradicionais do MTG, e da conclusão do livro de danças de salão, ainda pendente de publicação, as principais construções foram erigidas a partir das atividades desenvolvidas pelo Movimento conjuntamente com as regiões e entidades que elaboraram mais de 20 propostas para que os regulamentos atendam os anseios dos participantes de nossos festivais dentro de um consenso da preservação de nossa cultura e a realidade na qual nossas artes são praticadas.

Danças tradicionais gaúchas: *obra ganhou quinta edição em 2020*

Com as equipes trabalhando remotamente, à distância, quais os principais desafios que a vice-presidência artística enfrentou neste ano?

Os principais desafios foram detectados na busca do exercício de transmissão da arte através do mundo virtual. Assim como a sétima arte, com toda sua capacidade tecnológica, não substitui o grau de profundidade vivenciado em um teatro, o mesmo se verifica nas experiências virtuais. Elas contribuem, mas não substituem a emoção até então contemplada em nossos festivais.

Dá para se dizer que, apesar de tudo, 2020 não foi um ano perdido?

"Nada na vida é em vão, ou é bênção, ou é lição". Utilizo este pensamento, do qual desconheço a autoria, para expressar minha compreensão de que tivemos a oportunidade de evoluirmos, não só como tradicionalistas, mas também como pessoas. Acredito que muitos avanços decorrentes da situação que nos foi imposta não irão retroagir. A comunicação foi ampla e a construção coletiva sem precedentes. Em uma sociedade heterogênea é natural que as pessoas tenham diferentes concepções do quadro evolutivo, mas houve significativos progressos, em especial no caráter coletivo de condução da artística, não sendo possível, portanto, qualificar o ano como perdido, muito pelo contrário.

Quais as expectativas para a retomada das atividades?

Cultivamos a expectativa de que integramos um Movimento que nos torna distintos dos demais entes sociais. Contudo, praticamente todos os problemas vivenciados por nossa sociedade são diagnosticados em nossos núcleos tradicionalistas. Assim, talvez o grande aprendizado seja o fato de que o Movimento Tradicionalista é uma célula social e, com isso, os problemas enfrentados não são exclusivos do Movimento, mas sim de um contexto social.

Entrevista para
Sandra Veroneze

Valmir Böhmer: *ano de aprendizado*